

## Literatura Brasileira de Expressão Alemã

www.martiusstaden.org.br

PROJETO DE PESQUISA COLETIVA

Coordenação geral: Celeste Ribeiro de Sousa

**ANNA BROCKES**

**1852-1940**

(Celeste Ribeiro de Sousa)

2012

### **Padrinho diabo\***

**Anna Brockes**

Era uma vez ou „*diz que tinha*“ – é assim que se iniciam todas as histórias aqui no Sertão – uma família com muitos filhos e tantos eram os filhos, que eles mesmos já não sabiam mais quantos eram e ao querer saber isto, tinham de contar primeiro nos dedos os nomes das crianças. Quando então mais uma criancinha veio se juntar à família e eles quiseram batizá-la, não encontraram um padrinho. Cada um dos homens da pequena aldeia já era padrinho de uma das crianças e, por mais que contassem e contassem as crianças e os padrinhos, não restava nenhum para a mais nova das criancinhas.

A mãe lamuriava-se “agora vem o Padre e a nossa criança vai ficar sem batismo”. “Que seja, pois, o diabo o padrinho!” resmungava entediado o marido.

Uma noite, sentados na soleira da porta a fumar seus cigarros, eles viram um jovem e simpático senhorzinho, que nunca tinham visto antes, chegando pelo caminho. Ele cumprimentou-os muito gentilmente, aproximou-se, pediu fogo para o seu cigarro e puxou

---

\* Tradução de Marlene Holzhausen. Brockes, Anna. *Gevatter Teufel*. Texto inédito encontrado no Arquivo do Instituto Martius-Staden.

conversa. Queixosos, eles começaram então a contar-lhe a sua aflição. “Se esta é a única preocupação de vocês”, disse o forasteiro, “então livrem-se dela facilmente: façam de mim o compadre de vocês!” Eles ficaram felicíssimos e, quando alguns dias depois o Padre chegou para casar e batizar, a criança mais nova deles também foi batizada. Após o batismo, o padrinho despediu-se e prosseguiu viagem.

O tempo passou, as muitas, muitas criancinhas cresciam e, às vezes, era muito difícil saciar a fome de tantas bocas.

“Sabe de uma coisa”, disse o marido um dia para a mulher, “este ano eu também vou fazer uma roça e plantar milho para que possamos saciar a fome das crianças com mais facilidade.”

Dito e feito. Colocou a foice sobre os ombros, dirigiu-se à mata e, ao se deparar com um belo pedaço de terra coberto de árvores viçosas, começou a capinar e a cortar os arbustos. – “Bom dia, meu compadre” diz alguém às suas costas. Espantado com o fato de que ali, no meio da mata, alguém o procurava, virou-se para o lado donde vinha a voz. “N-ai! Meu compadre!” exclamou ele feliz, “de onde você surgiu assim de repente e logo aqui nesta mata fechada?” “Dê-me a foice” disse o outro, “eu ainda não fiz nada para o meu compadre, deixe-me roçar e vá tranquilo para casa.”

Depois de algumas semanas, ao se dirigir à mata com o machado para derrubar as árvores, o homem parou assustado diante da mata roçada “Xiih”, disse ele, “mas que pedaço de mata enorme o meu compadre roçou! Eu jamais vou conseguir desmatar isto! Que pena! Bem, eu vou derrubar só aquilo que vou precisar” e baff, baff, começou a golpear com o machado. “Bom dia, meu compadre”, ouviu-se novamente ali e “N-ai! Meu compadre, de onde é que você está vindo outra vez?” exclamou espantado o homem. “Quero derrubar a mata para o meu querido compadre, dê-me o machado e vá tranquilo para casa.” “Mas só um pedacinho de mata”, advertiu o homem, “pois eu não consigo plantar tanto assim.”

Quando agosto então chegou, o homem dirigiu-se até sua Roça para fazer a queimada. "Xiiiih! exclamou ele outra vez. "O que foi que o compadre aprontou aqui, ele derrubou toda a mata! Fazer o quê! Nós vamos plantar até onde aguentarmos." Após alguns dias, depois de queimada a Roça, a família toda se dirigiu até lá para plantar; os pais faziam as covas e as crianças colocavam o milho dentro e fechavam os buracos.

Eles mal tinham trabalhado um pouco, quando se ouviu novamente "Bom dia, meu compadre, minha comadre, vocês já querem plantar o milho? Deixem que eu cuide disso, afinal preciso fazer ainda alguma coisa para os meus compadres." Depois de algum tempo, quando o homem chegou com a foice à Roça para capinar, ela estava plantada e o milho exuberante. "Bom dia, meu compadre", cumprimentou-o logo em seguida o padrinho, que estava ali, como se o aguardasse. "Dê-me cá a foice, a limpeza da Roça é meu trabalho, vá tranquilo para casa." Assim que o milho granou, o homem dirigiu-se novamente até lá, para ver a plantação. O verde-escuro era exuberante e cada pé tinha de duas a quatro espigas grandes. "Xiiiih!, exclamou o homem, tanto milho assim! É muito milho! Como vou fazer para colher tudo isto?" "Não se preocupe com isso", soou ao seu lado a voz do padrinho, "todo o milho será colhido, mas você vai me prometer, que não irá colher nenhuma espiga antes que eu autorize." O homem prometeu de bom grado que assim seria e, após um "abraço" afetuoso, eles se separaram.

„Ó homem," disse então numa manhã a mulher "o milho já deve estar bom agora para comer assado. Vamos até lá buscar uma cesta cheia." "É melhor esperar ainda um pouco", retrucou ele.

Dias depois, a mulher voltou a perguntar: "Por que você nunca traz milho verde? Todos estão a comer milho verde já há algum tempo e somente nós, nós que temos uma roça de milho enorme, não apanhamos ainda nenhuma espiga." "Tenha paciência mulher, você ainda vai se fartar", consolou-a o marido.

Passados mais alguns dias sem que o marido lhe trouxesse milho, a mulher cansou-se de se deliciar com o cheiro maravilhoso de milho assado, que vinha dos bolos dos vizinhos, mas sem que um único grão chegasse à sua boca.

Ela esperou até ele sair de casa, ajeitou sobre a cabeça uma cesta grande, onde queria colocar o milho, e dirigiu-se para a roça para fazer a colheita. “Uai – minha comadre”, ouviu ela e, ao se virar, viu o padrinho sorrindo amigável. “Vocês certamente gostariam de comer milho verde, não é? E cozinhar um Curáo bem docinho para as criancinhas!? Vão tranquilos para casa, para mim é um prazer quebrar o milho para vocês.” Contenta, ela retornou para casa; o padrinho logo traria o milho! No entanto, o tempo passou, ela aguardava impaciente, mas o padrinho não apareceu. Quando então seu marido chegou a casa, ela lhe contou que tinha ido buscar milho, como o padrinho aparecera e havia se oferecido para colher o milho. “Vá você agora e traga a cesta, que ele encheu pra mim”, pediu ela. O marido saiu, chegou até a roça e viu, ó Deus, viu que já não havia mais um único pé de milho em pé. Todos, todos estavam tombados e perdida estava a grande e bela colheita! “Mas que diabo esse compadre”, disse o homem revoltado. “Diabo? ” “Sim, não era você que queria um diabo como padrinho?” ironizou então o compadre, que também já estava novamente a postos, e saiu às gargalhadas, desaparecendo na mata.